

## Projeto Individual

Luísa Torres, 2019/2020

*Eu sempre gostei de olhar para os mexilhões.*

*Mas também sempre gostei de olhar para outras coisas.*

*Gosto de olhar.*

O meu projeto nasceu da minha proximidade e do meu fascínio pela natureza, particularmente pelo mar. Propus um trabalho de campo, no qual faço visitas frequentes à beira-mar e faço a recolha de vários elementos naturais que me chamam a atenção. Elementos vegetais e animais, desde algas, pedras, conchas de mexilhão, e outras pequenas coisas que se transformam no meu material de trabalho. A observação, investigação e experimentação tornam-se indispensáveis no desenvolvimento do projeto.

## (ser para dentro)

dentro - origens – ser – intimidade – natureza

*Eu sempre gostei de olhar para os mexilhões. São uns pequenos seres interessantes, uns moluscos que habitam o mar mas não tanto, só de vez em quando, e que vivem dentro das suas cápsulas separados da luz e do ar, como que isolados do mundo cá fora. São seres para dentro.*

*Eu também acho que sou para dentro.*

A necessidade de termos ficado em isolamento deu origem a uma adaptação no meu projeto individual. Numa fase onde todos tínhamos de estar dentro, também nos sentimos mais introspectivos, mais virados para nós próprios. Como um mexilhão.

A minha vontade era transmitir esta sensação, desenvolvendo a mesma linha de pensamento do meu projeto inicial – um projeto de proximidade e de referência na natureza, especialmente com o mar. Tendo de alterar a proposta de trabalho de campo, por impossibilidade, dada a situação, trabalhei inicialmente com elementos que fui recolhendo ao longo do tempo. Revisitei trabalhos, registos fotográficos e desenhos, e trabalhei a partir deles, a partir de dentro. O meu trabalho começou a desenvolver-se a partir das relações que estabeleci entre elementos já existentes, pela sua natureza. O (ser para dentro) significou para mim também isto: reunir tudo aquilo que me faz ser eu, voltar às minhas origens, reconhecer em mim o meu eu.

O meu projeto é fundamentalmente um processo de autorreconhecimento. Um processo íntimo, onde rebusco as minhas vivências passadas, e procuro novas interpretações, novas relações, novas composições. Assim, sempre com inspiração na natureza e nas suas poéticas, procuro trazer ao meu trabalho uma sensação de intimidade, um (dentro) que foi determinado a partir das associações entre os objetos, as imagens, as palavras, os ambientes que tinha presentes, sob diferentes formatos.

Comecei a perceber que facilmente tudo pode ter uma poética associada; todos os elementos naturais fornecem as suas próprias metáforas – coube-me a mim transformá-las, compô-las para transmitir aquilo que me convinha. O (ser para dentro), a origem, o íntimo, pode estar presente nas mais variadas formas: numa semente, numa casca de mexilhão, numa rocha vulcânica, na dança da espuma do mar, no sal e na água salgada, num tronco brotado, na terra.

A observação, a investigação e a experimentação continuam a ser as bases do projeto; mas desta vez viram-se para o interior, de forma intrínseca. O objeto de análise é o (eu), escondido no conforto do dentro da cápsula. Achei importante trazer alguns assuntos já abordados em trabalhos anteriores – a problemática do lugar, a sensação de deslocamento e a minha rosácea – como em *“este não é o meu lugar”* ou em *pontos fracos*. São temas que, em conjunto, constroem os diálogos, comunicam, desenham os mapas das minhas origens e do meu desenvolvimento até aqui.

## Referências

Joana Pimentel

<https://cargocollective.com/joanapimentel>

Trabalha muito a partir do desenho, e explora-o como uma ferramenta, passando para outras áreas. As suas obras remetem muito para um sentido de paisagem natural, e transparece poéticas semelhantes àquelas que pretendo transmitir, utilizando vários meios, incluindo a escrita. Curiosamente, muitos dos seus trabalhos remetem também para o mar e para a passagem do tempo.

Megan Singleton

<http://www.megansingleton.com/>

Uma artista plástica interdisciplinar, que trabalha especialmente com papéis que ela própria produz. Utiliza maioritariamente elementos naturais para construir as suas obras, fazendo do seu trabalho o mais sustentável e consciente possível.

Identifico-me muito com a forma como a artista trabalha, sendo que coloca em primeiro lugar a observação da natureza, a recolha de elementos e a investigação dos mesmos – isto é, de certa forma, a premissa do meu projeto.

*“I am an observer, collector, fabricator, and instigator of thought and haptic experience.”*

May Babcock

<https://www.maybabcock.com/>

*“I am a curious artist, who researches and is fascinated by local hydrologies, plant ecologies, geological history, and human-created structures and histories.”*

Trabalha na área das técnicas de impressão e na produção de papel artesanal. Os seus livros de artista comportam estes mesmos elementos, passando para um contexto mais tridimensional e de instalação. Os componentes do seu trabalho são também, de modo geral, de origem natural: o papel é sempre produzido a partir de plantas.

Presente, mais uma vez, uma necessidade de recolha no espaço, de materiais diversos, plantas e um levantamento de informação, a artista trabalha com um método semelhante àquilo que persigo no meu projeto. Muito ligada à vertente da investigação (quase) científica, a artista trabalha sempre com os materiais orgânicos disponíveis à sua volta, identificando-os e explorando as possibilidades plásticas que podem oferecer.